



CARTOGRAFIA DA PROSTITUTA NA LITERATURA BRASILEIRA: ANÁLISE DE ROMANCES DOS ANOS DE 1900 A 1910

Douglas Rodrigues De Sousa – doug.rsousa@gmail.com

Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, Presidente Dutra, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074>

David Lucas de Freitas Lopes – dlfreitas215@gmail.com

Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, Presidente Dutra, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0009-0003-0959-0027>

RESUMO: O estudo analisa a representação da prostituta na literatura brasileira entre 1900 e 1910, investigando como os romances desse período retrataram essa figura feminina. A pesquisa revela que a prostituta era frequentemente marginalizada e associada à decadência moral e social, refletindo os discursos médicos e morais da época. No entanto, ao mesmo tempo em que a literatura do início do século XX reproduzia os preconceitos vigentes, também se configurava como um espaço de questionamento sobre a condição da mulher. As representações da prostituta nos romances evidenciam um Brasil tensionado entre a modernidade e os resquícios de um moralismo rígido, aspectos que continuam a reverberar na construção das identidades femininas na cultura brasileira. Este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, que abrange o período de 1900 a 1920 e mapeou, de forma qualitativa e quantitativa, romances brasileiros dessa época. Para esta primeira etapa, o foco recaiu sobre a primeira década do século XX, contando com a colaboração de um grupo de pesquisadores responsáveis pela catalogação e análise das obras conforme a temática proposta. Os resultados obtidos incluem um amplo conjunto de romances criteriosamente catalogados e disponibilizados ao público interessado, como parte dos achados desta fase inicial da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Prostituição; Literatura Brasileira; Romance.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura, ao longo de sua vasta história, desempenhou um papel fundamental na representação e reflexão da realidade social. Uma área específica que tem sido objeto de análise crítica é a representação da mulher prostituta. A habilidade da literatura em capturar nuances sociais permite que escritores explorem as complexidades dessa realidade, oferecendo uma visão multifacetada das experiências femininas no contexto da prostituição. Ao abordar essa temática, a literatura não apenas espelha as dinâmicas sociais, mas também desafia estereótipos, convidando os leitores a questionar e compreender as questões subjacentes relacionadas à marginalização, ao poder e à agência das mulheres na sociedade.

Nesse primeiro momento, é fundamental que seja estabelecido alguns conceitos primordiais para o desenvolvimento da presente pesquisa, sendo eles os termos prostituta, prostituição e prostituir. O dicionário Aulete (1974, p. 2969) define prostituta como “mulher pública, meretriz”; prostituição como “vida de devassidão, de impudicícia; ação de vergonhosa condescendência, de vergonhoso servilismo”; e

por prostituir como “entregar à vida de devassidão, tornar devasso, corromper, desmoralizar, aviltar-se, desonrar-se, descer no nível moral, rebaixar-se”. Já o Houaiss (2010, p. 635), define prostituta como “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais, meretriz” e prostituir como “entregar-se ou manter relações sexuais em troca de dinheiro; rebaixar (se) moralmente; degradar(-se); corromper(-se)”. Ainda, a prostituição é definida pelo Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras como: “1. Ato ou efeito de prostituir ou prostituir-se; 2. Participação em ato sexual ou libidinoso em troca de dinheiro; 3. Modo de vida em que a realização desses atos constitui a principal fonte de renda; meretrício”.

Essas definições apresentadas pelos autores acima descreve a prostituição e a prostituta sob um prisma moralista e valorativo acerca da atuação sexual feminina. Ao observarmos a temática da prostituição no transcorrer da história, notamos a presença de uma perspectiva que considera a prostituição como algo absolutamente degradante e marginalizado.

Sob um ponto de vista histórico, é notório que o papel social da prostituta alterou-se significativamente em diferentes períodos, mas em geral, é marcado por marginalização e submissão. Segundo Rago e Funari (2008, p. 23), “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina – recoberta por imagens e metáforas assustadoras”. A sociedade brasileira, historicamente, tem colocado as prostitutas como mulheres que envergonham as suas famílias.

Ainda nesse campo histórico, Margareth Rago (2008, p. 14) salienta-nos:

[...] considerar a prostituição como ‘a profissão mais antiga do mundo’ é uma postura que mais prejudica do que ajuda, pois favorece a naturalização de um fenômeno que é cultural e histórico [...] ignorá-la e silenciar a seu respeito, como acontece nos meios acadêmicos e políticos, de esquerda ou de direita, também é uma maneira de fechar os olhos a problemas que assolam a nossa vida social (Rago, 2008, p. 14).

Rago (2004) sustenta que a prostituta está em processo de transformação, moldada por várias influências sociais e intelectuais, incluindo o feminismo. A autora também destaca que a prostituta conseguiu absorver os princípios feministas, construindo uma nova identidade a partir dos discursos do movimento. A exemplo disso, Rago (2004) relata que as prostitutas se:

[...] apropriaram de algumas elaborações do feminismo, recusando sua antiga identidade construída a partir de parâmetros estabelecidos pela medicina vitoriana e pela antropologia criminal, para se pensarem como ‘trabalhadoras do sexo’, sem a presença dos antigos gigolôs e cafetões.

Na literatura brasileira, a representação da mulher passou de uma figura idealizada e submissa a uma abordagem mais realista e complexa, influenciada pelo movimento feminista, que explora suas lutas

e conquistas. A prostituta, porém, foi frequentemente retratada de forma estigmatizada e estereotipada, associada ao pecado e à decadência. Contudo, algumas obras buscam romper com esse estigma, apresentando-a de forma mais humana e complexa, mostrando escolhas baseadas em necessidade ou vontade própria. Essas narrativas ampliam a compreensão sobre gênero, poder e marginalização na literatura brasileira.

Diante disso, a presente pesquisa pretendeu realizar uma análise abrangente de romances produzidos por autores brasileiros e publicados no período inicial do século XX, entre 1900 e 1910, durante a Primeira República, com ênfase na imagem e representação da mulher prostituta.

Para tanto, fundamenta-se em referenciais teóricos da crítica social, dos estudos culturais e da teoria do romance, articulando a leitura das obras com reflexões sobre os discursos morais e sociais que permeavam a época. A investigação dialoga com autores que exploraram o romance como forma de expressão e crítica, considerando como a literatura construiu e problematizou a figura da prostituta no contexto sociocultural do período.

Esta pesquisa integra um estudo mais amplo que mapeou os romances brasileiros do início do século XX, buscando compreender recorrências temáticas e representações sociais na ficção do período. No presente artigo, apresentamos um recorte desse levantamento, com o objetivo de facilitar a disseminação e a discussão dos dados, contribuindo para o aprofundamento do debate sobre a presença e o significado da prostituição na literatura brasileira.

2 O ROMANCE COMO CAMINHO METODOLÓGICO: BREVES APONTAMENTOS

Para uma realização ampla da pesquisa, estabeleceu-se um filtro para uma melhor sistematização dos resultados. O presente estudo concentra-se no gênero romanesco. Neste tópico, pretendeu-se evidenciar alguns apontamentos fundamentados por Mikhail Bakhtin (2010) acerca deste gênero literário, que são fundamentais para um melhor desenvolvimento da pesquisa.

Na obra *Epos e Romance*, Mikhail Bakhtin destaca que o romance é um gênero literário em estado inacabado, observando que há certas dificuldades são “[...] condicionadas pela singularidade do próprio objeto: o romance é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado” (Bakhtin, 2010, p. 397). Essa condição deve-se ao fato de que, ao contrário de outros gêneros como a epopeia e a tragédia, que apresentam uma “[...] ossatura dura e já calcificada [...]” (Bakhtin, 2010, p. 397), o romance está em profundo desenvolvimento, mostrando “[...] mais profundamente, mais substancialmente, mais sensivelmente e mais rapidamente a evolução da própria realidade [...]” (Bakhtin, 2010, p. 400). Dessa forma, o gênero continua a se alterar, tal qual a realidade que o cerca.

De acordo com Mikhail Bakhtin, o romance possui características distintas que o definem como gênero. Entre elas, destaca-se a presença de múltiplos planos narrativos, com várias vozes e perspectivas, em vez de um único ponto de vista autoritário. O enredo é dinâmico, apresentando tramas complexas e em constante mudança, além de explorar uma variedade de temas. Os personagens são multifacetados, refletindo a complexidade da experiência humana. Por fim, os romances buscam representar e comentar sobre o mundo contemporâneo, funcionando como um veículo para uma ampla análise social.

Bakhtin observou que o “[...] romance encabeçou o processo de desenvolvimento e renovação da literatura no plano linguístico e estilístico” (Bakhtin, 2010, p. 405) já que ele “[...] parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (Bakhtin, 2010, p. 399).

Em seu texto, intitulado *O discurso no romance*, Bakhtin avalia a existência do que ele intitulou de plurilinguismo:

1. A narrativa direta e literária do autor (em todas as suas variedades uniformes); 2. A estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral; 3. Estilizações de diversas formas da narrativa (escrita) semiliterária tradicional (cartas, diários, etc.); 4. Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declamação retórica, descrições etnográficas, informações protocolares, etc.; 5. Os discursos dos personagens estilisticamente individualizados. [...] A originalidade estilística do gênero romanesco está justamente na combinação destas unidades subordinadas, mas relativamente independentes (por vezes até mesmo plurilíngues) na unidade superior do “todo”: o estilo do romance é uma combinação de estilos; sua linguagem é um sistema de “línguas” (Bakhtin, 2010, p. 74).

Assim, o gênero romanesco deve ser encarado enquanto “[...] sistema literário harmônico [...]” (Bakhtin, 2010, p. 74). Ainda, Bakhtin aponta que o “[...] plurilinguismo se introduz no romance [...]”, admitindo “[...] uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau)” (Bakhtin, 2010, p. 74-75).

O romance não apenas apresenta um caráter plurilinguístico, mas também incorpora uma variedade de gêneros literários. Em uma única obra, é possível encontrar desde gêneros simples como cartas e diálogos, até formas literárias mais sofisticadas, como poemas. Essa combinação de gêneros enriquece e aumenta a complexidade do romance.

Quando outros gêneros literários mais simples, como as cartas, são absorvidos pelo romance, Bakhtin destaca que:

[...] se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem sua forma e o significado cotidiano

apenas no plano do conteúdo romanesco integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana (Bakhtin, 2010, p. 263-264).

Intitulado de “gêneros intercalados”, o romance, como destacado anteriormente, possui a capacidade de incorporar outros gêneros literários. Bakhtin observa que essa característica é “[...] umas das formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance [...]”, devido a sua “[...] elasticidade estrutural [...]” (Bakhtin, 2010, p. 124).

A capacidade singular do romance de absorver e reconfigurar outros gêneros em sua própria estrutura é uma de suas características mais distintivas. Essa flexibilidade permite que o romance evolua e se expanda com o tempo, refletindo a complexidade e a diversidade da experiência humana. Bakhtin explicará isso da seguinte forma:

O romance admite introduzir na sua composição diferentes gêneros, tanto literários (novelas intercaladas, peças líricas, poemas, sainetes dramáticos, etc.), como extraliterários (de costumes, retóricos, científicos, religiosos e outros). Em princípio, qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance [...] (Bakhtin, 2010, p. 124).

Como demonstrado ao longo deste texto, o romance, como gênero literário, é notável por sua flexibilidade e abertura evidentes. Sua habilidade de incorporar uma variedade de gêneros e técnicas literárias o capacita a representar a complexidade e a diversidade da experiência humana de maneiras que outros gêneros não conseguem.

Sendo assim, metodologicamente, para esta pesquisa, reconhecemos a existência e a variedade de outros gêneros literários da época, como a crônica, o conto e os poemas que também abordaram a imagem da mulher prostituta. No entanto, ao buscar um retrato sob o viés social da época, articulado ao percurso da historiografia (ainda que sem pretender ser uma pesquisa historiográfica), e considerando o cruzamento entre texto e contexto, obra e autor, optou-se pelo gênero romance como o mais adequado para realizar esta investigação.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Nesta seção, serão apresentados os principais resultados obtidos a partir da pesquisa, seguidos de uma discussão aprofundada que contextualiza e interpreta esses achados à luz dos objetivos propostos. A análise concentrou-se em como as obras literárias selecionadas representam a mulher prostituta na literatura brasileira entre os anos 1900 e 1910.

O Quadro 1, logo abaixo, reúne todas as obras identificadas neste estudo. A análise dessas obras buscou explorar como elas refletem e discutem as nuances da figura da mulher prostituta, considerando os contextos sociais, culturais e históricos em que foram produzidas.

Quadro 1 – Obras catalogadas a partir da pesquisa proposta

Romances	Autores	Ano de publicação
<i>Girandola de Amores</i>	Aluísio Azevedo (1857-1913)	1900
<i>A Condessa de Vésper</i>	Aluísio Azevedo (1857-1913)	1901
<i>A Falência</i>	Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)	1901
<i>Tormenta</i>	Coelho Neto (1864-1934)	1901
<i>Canaã</i>	José Pereira da Graça Aranha (1868-1931)	1902
<i>A Carteira de um Neurastênico</i>	Antônio Lobo (1860-1916)	1903
<i>O Turbilhão</i>	Coelho Neto (1864-1934)	1906
<i>Esfinge</i>	Coelho Neto (1864-1934)	1908
<i>A Intrusa</i>	Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)	1908
<i>Recordações do Escrivão Isaías Caminha</i>	Lima Barreto (1881-1922)	1909
<i>Maria Dusá</i>	Lindolfo Rocha (1862-1911)	1910

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

4 A PROSTITUTA NA LITERATURA BRASILEIRA: UM PANORAMA HISTÓRICO E LITERÁRIO

Nos enredos fictícios, o mundo da prostituta é retratado como um ambiente de desordem moral e social, influenciado por dogmas religiosos, sociais e políticos. Esse cenário é habitado por personagens que não se enquadram nos padrões morais vigentes. Embora comum, esse retrato limita a compreensão mais profunda desses indivíduos, que possuem suas próprias histórias e aspirações. A literatura do século XX avançou além desses estereótipos, apresentando personagens mais complexas e humanas.

Historicamente, a prostituta ganhou destaque na literatura brasileira no século XIX, refletindo a sociedade da época. A personagem Lúcia, do romance *Lucíola* de José de Alencar, é um exemplo marcante, desafiando normas sociais e provocando controvérsia. No século XX, essas figuras surgiram com mais frequência e em diferentes contextos, acompanhando as transformações sociais e culturais do Brasil. Em períodos anteriores, a mulher que se prostituía era vista como pecadora e profana. Entretanto, no século XIX, a prostituta começou a ser percebida como uma mulher que se rebela contra os “valores de uma união sexual monogâmica, da família nuclear, da virgindade e da inata fidelidade feminina” (Rago, 1990, p. 23).

A transformação das ideias sobre sexualidade e gênero no século XIX teve uma influência marcante na forma como as prostitutas eram representadas na literatura e entendidas pela sociedade. A

contribuição da ciência para moldar essas representações foi fundamental, particularmente no que diz respeito à conexão entre lesbianidade e prostituição. Tendo isso posto, Santos (2023) aponta:

As concepções científicas desenvolvidas no século XIX serviram como inspiração para muitas personagens prostitutas. Vale acrescentar que a lesbianidade e a prostituição, seja nos tratados médicos, como o *Psicopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing (1886), entre outros, seja na literatura ficcional, aparecem como relações próximas. Muitas mulheres, cuja sexualidade se voltava para outras mulheres, acabavam na prostituição por não se casarem com homens e precisarem de um ofício para se manter, outras ainda entravam na prostituição e, posteriormente, descobriam o desejo por mulheres. Entre estas, a relação sexual com mulheres poderia ser mais um atrativo para os clientes. Havia, ainda, aquelas que vivenciavam seus desejos e afetos com mulheres com quem conviviam nas zonas de meretrício (Santos, 2023, p. 178).

Ainda no século XIX, muito se falava que a principal razão que fazia uma mulher ingressar no mundo da prostituição era a pobreza. No entanto, era comum vermos as mesmas prostitutas sendo retratadas como mulheres de caráter fraco, atraídas pelo amor ao luxo e o prazer. Rago (1990) destaca que essa perspectiva:

[...] transformava a meretriz numa figura vitimizada pelo destino cruel, que se sacrificava absolutamente contra a sua vontade, pressionada pelas condições econômicas desfavoráveis. No entanto, sua personalidade frágil e vulnerável que acabava tendo o maior peso na argumentação: amante do luxo, preguiçosa, carente de educação moral, sobretudo pelos maus exemplos dos pais e familiares, dotada de um forte temperamento erótico, a jovem pobre se constituía numa possível prostituta. Quase todos os autores apontam como influências nocivas que atuavam sobre seu espírito fraco os livros, o teatro, o cinema, os bailes e outras formas de diversão que se propagavam na cidade moderna (Rago, 1990, p. 216-217).

Para exemplificar a colocação de Margareth Rago, podemos citar novamente a obra de Alencar, *Lucíola*. Neste romance, Paulo se apaixona por Lúcia, uma prostituta, e enfrenta um conflito entre desejo e repulsa. Lúcia revela que assumiu essa vida por conta da pobreza e da febre amarela que atingiu sua família. Tentando reconstruir sua vida, ela se afasta da cidade e vive um breve romance com Paulo, mas, ao engravidar, acredita ser impura e sofre um aborto espontâneo, que resulta em sua morte.

No que tange ao século XX, Walldman (2002) o considera um período em que, especialmente na sociedade de São Paulo, a intimidade sexual, simbolizada pelo casamento monogâmico e restrita ao quarto do casal, era incentivada pela Igreja e pelo Estado. Em contraste, a prostituição introduziu métodos coletivos e únicos de expressão do desejo, que seguem de perto o fluxo de dinheiro.

Ao analisar a obra *Condessa de Vésper* (1901), podemos observar diversos pontos abordados até aqui. Entretanto, inicialmente devemos destacar alguns aspectos acerca do romance. Sua publicação original ocorreu em 1882, no formato folhetim, sob o título *Memórias de um condenado*. Contudo, a obra foi

republicada em 1901 com o novo título *Condessa de Vésper*. A nova edição possui diversas alterações em relação à original, e pode ser considerada como mais próxima de um “romance moderno”. Quando analisamos a mudança efetuada no título, percebemos que a nova publicação dá maior enfoque na condessa e não no condenado, como ocorre na versão original.

No que se refere ao conteúdo do romance, com sua abundância de personagens e reviravoltas, reminiscentes dos folhetins e telenovelas, *A Condessa de Vésper* é uma obra rica e envolvente. A trama é centrada em Gabriel, um jovem abastado que se apaixona por Ambrosina, uma mulher astuta que ascende à posição de Condessa Vésper. Gabriel, apesar de seus esforços incansáveis, é repetidamente ludibriado por Ambrosina. Após a morte de seu pai, Ambrosina vai à falência e adentra o mundo da prostituição, tornando-se cortesã. Entende-se que essa escolha foi uma medida de sobrevivência financeira, dada a pobreza vivenciada. Enquanto jovem, a prostituição rende-lhe uma boa quantidade de dinheiro; entretanto, com o avançar da idade a situação muda, passando a prostituir-se em locais de baixa renda.

Além de Ambrosina, outra personagem prostituta presente no enredo é Estela, uma jovem pobre e órfã que vive em um internato, mas é forçada a sair após o estabelecimento ir à falência. A jovem então passa a se prostituir para sobreviver. Devido seu baixo status financeiro, Estela trabalha em locais que possuem clientes muito pobres. Ao longo do enredo, é dito que Estela trabalha em um “baixo meretrício dos beijos fluminenses” (Azevedo, p. 349), em contrapartida Ambrosina localiza-se no “alto coquetismo fluminense” (Azevedo, p. 297). Essa diferença decorre das condições financeiras iniciais de cada uma, que no transcorrer da narrativa, muda, visto o gradual empobrecimento de Ambrosina, resultando em ambas trabalhando para uma clientela pobre para conseguir sobreviver.

Conforme destacado anteriormente no texto, havia fortemente um estereótipo da pobreza como um motivador central para a entrada de mulheres no mundo da prostituição. Esta concepção também se fez presente de forma muito evidente no enredo da obra, em que tornar-se cortesã é um meio de sobrevivência. Podemos observar no seguinte trecho:

[...] Desejei vê-lo de novo, Gabriel, porque ao Senhor devo a parte melhor, mais doce e menos impura, do meu triste destino, o único instante de minha existência em que não me julguei de toda indigna de amar a Deus; chamei-o para lhe pedir que me perdoe e, se lhe merecer compaixão a dor suprema da mais perdida das perdidas, que a esta ampare com a sua generosidade de homem de bem, para que não tenha ela de recorrer de novo à prostituição, como único meio de vida que lhe resta (Azevedo, 1901, p. 441-442).

Esse fragmento nos mostra como a prostituição é retratada na literatura como o último recurso que as mulheres possuem à disposição para enfrentar uma situação caracterizada pela extrema vulnerabilidade. A personagem em questão está presa em uma realidade onde o único meio de garantir condições mínimas de sobrevivência é recorrendo à prática da prostituição, uma decisão que lhe traz

imenso sofrimento e vergonha. A busca por redenção e compaixão de demais sujeitos reflete sua batalha interna, em que ela constantemente carrega o peso da culpa por estar envolvida em uma situação que contraria seus próprios valores e crenças, mas que surge como a única alternativa possível naquele momento. Esse contexto reafirma a ideia de que a pobreza restringe as escolhas de vida e empurra as mulheres para caminhos que as estigmatizam ainda mais.

Além disso, o trecho evidencia a complexidade dos sentimentos vivenciados por essas mulheres, que se veem desumanizadas e privadas de qualquer dignidade mínima. A prostituição é apresentada não como uma escolha deliberada, mas como uma imposição de um contexto específico, marcado pelas circunstâncias econômicas — um destino que essas mulheres provavelmente evitariam se tivessem outras opções viáveis. A narrativa, portanto, apresenta a prostituição como uma forma de sobrevivência em um cenário de exclusão social e falta de oportunidades.

Essa perspectiva faz-se presente, também, em *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha* (1909), em que o escritor Lima Barreto também oferece uma visão crítica e multifacetada no que se refere à figura da mulher prostituta:

[...] Aos seus olhos - muitas vezes se me veio a afigurar - eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercá-la-ia logo o ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas (Barreto, 1909, p. 19-20).

Neste trecho, a personagem é descrita como uma jovem de beleza extraordinária, cuja condição social a destina à prostituição. A narrativa sugere-nos que sua aparência e origem social inevitavelmente a empurram para um caminho de desejo e corrupção, culminando em sua marginalização nas ruas. O determinismo social torna-se evidente ao mostrar como a sociedade impõe rótulos e destinos pré-definidos às mulheres, especialmente às de classes mais baixas, associando-as à degradação moral e física.

Com base no que foi discutido até o momento, podemos observar que a representação da mulher prostituta é frequentemente abordada de maneira complexa, refletindo as realidades sociais e as dificuldades enfrentadas por essas mulheres. Aluísio Azevedo examinou as razões por trás da escolha da prostituição, destacando questões como a falta de oportunidades educacionais e econômicas, bem como o resultado de circunstâncias familiares desfavoráveis.

Além do mais, a literatura frequentemente utiliza elementos narrativos que humanizam essas personagens, oferecendo visões diversas de suas vidas e desafiando estereótipos simplistas. Outros autores, como evidenciado ao longo desta pesquisa, também exploraram a temática da prostituição feminina em suas obras, oferecendo análises críticas das complexidades sociais que levam algumas mulheres a essa condição. Não nos deteremos aqui na análise detalhada de todos os romances ou enredos, muitos dos quais já são conhecidos pelo leitor. O principal objetivo deste estudo é organizar e sistematizar

informações, proporcionando um panorama que auxilie na compreensão das nuances dessas representações literárias. Dessa forma, buscamos estimular o leitor a refletir sobre como essas obras não apenas refletem os valores e preconceitos de sua época, mas também questionam convenções e abrem espaço para novas interpretações.

5 CORPOS À VENDA, ALMAS À DERIVA: A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL DAS PROSTITUTAS NA LITERATURA BRASILEIRA DE 1900-1910

A marginalização da mulher prostituta reflete uma complexa rede de preconceitos e julgamentos morais que permeavam a sociedade brasileira durante a primeira década do século XX. Essa percepção social “implica estigma ao trabalho desenvolvido pelas profissionais do sexo, já que não são encaradas como trabalhadoras, mas sim como mulheres de segunda ordem, carregando um pesado fardo de repressão moral” (Garcia, 2016, p. 125).

Essas figuras são, muitas vezes, retratadas como marginalizadas, vítimas de múltiplas circunstâncias sociais adversas que as empurram para uma vida de degradação e exclusão. No entanto, mais do que simplesmente ilustrar uma realidade social, essas representações reforçam uma visão fortemente moralista presente naquela sociedade, que condenava a prostituta ao ostracismo. Não obstante, pode-se constatar que uma parcela dessa mesma sociedade se beneficiava de sua exploração.

A prostituição, sendo uma das profissões mais antigas, continua a ser marginalizada devido às condições sociais impostas. É uma das ocupações mais árduas, indignas e estigmatizadas, especialmente por causa das condições desumanas e degradantes em que muitas profissionais do sexo trabalham (Nunes, 2016).

Conforme o que foi demonstrado e o que ainda será discutido, a literatura desse período utilizou a figura da prostituta para discutir questões de moralidade e o papel da mulher na sociedade, apresentando-a como uma figura trágica, presa pelo peso de seu estigma social.

Essa marginalização também reflete a incapacidade da sociedade de oferecer às mulheres alternativas à prostituição, condenando-as a um ciclo de miséria sem saída. A prostituta é frequentemente vista como alguém que perdeu a possibilidade de uma vida “respeitável” e, portanto, deve ser relegada ao esquecimento. Nessa perspectiva, Garcia (2016) observa:

Para as profissionais do sexo, fica claro o tratamento distinto que recebem do sistema de justiça por serem prostitutas. Um estupro não é considerado estupro quando praticado contra uma prostituta, já que o corpo dessas mulheres é considerado sempre à disposição. Um assalto cometido em um espaço de prostituição não é tratado com seriedade, já que os proventos vindos desse trabalho não são vistos como legítimos de atenção e proteção, visto que oriundos de uma prestação de serviços moralmente condenada (Garcia, 2016 p. 125).

Ao focarmos nas obras pesquisadas, *Girândola de Amores* (1900), de Aluísio Azevedo, nos apresenta uma representação da mulher prostituta que é marcada pela ambiguidade, revelando tanto o preconceito social quanto uma crítica velada às convenções da época:

Gregório, ao chegar à sala, sentiu-se constrangido. Não conhecia aquele meio. Nunca havia penetrado em casa de uma família de artistas brasileiros; ignorava da existência desse gênero de pessoas, incontestavelmente dignas, mas entre as quais a pilhéria decotada tem bom curso, a dança toma um caráter assombroso de canção, e as mulheres discutiam simultaneamente sobretudo, desde os assuntos mais familiares e mais castos até às últimas extravagâncias da meretriz que estiver na moda (Azevedo, 2021 p. 392).

No fragmento acima, a figura da prostituta é vinculada a um meio artístico marginalizado, em que a conduta feminina é desregrada e fora dos padrões morais socialmente aceitos. Ao introduzir Gregório em um ambiente desconhecido para ele, Azevedo faz com que o personagem se sinta deslocado e desconfortável, destacando a cisão entre o mundo respeitável e o “outro” mundo, associado às mulheres de conduta libertina.

Esse espaço feminino é descrito como um local onde há liberdade de expressão e comportamentos que fogem ao controle moral tradicional. As mulheres, por exemplo, transitam entre conversas “castas” e temas ligados à prostituição, quebrando as barreiras impostas pelos códigos sociais que restringiam as discussões femininas. No entanto, essa liberdade também é estigmatizada, com a dança e as “extravagâncias da meretriz” sendo associadas a uma transgressão moral. Azevedo, ao pintar esse cenário, revela a complexidade da mulher prostituta em sua obra: ao mesmo tempo em que lhes confere autonomia, também as submete ao julgamento moral de seu tempo, perpetuando a visão dualista de que elas são, ao mesmo tempo, sedutoras e excluídas.

Essa representação da mulher prostituta como simultaneamente autônoma e submissa ao julgamento moral reflete a tensão entre liberdade e condenação, que permeia a construção dessas personagens na literatura da época. Ao mesmo tempo em que elas quebram as normas sociais, também são sujeitas ao estigma que as define como transgressoras. Essa dualidade é ampliada por outras autoras, como Júlia Lopes de Almeida, que em *A Falência* (1901), expõe a continuidade do estigma social, não apenas sobre as prostitutas, mas também sobre suas famílias. A filha da personagem, por exemplo, carrega o peso do preconceito gerado pela relação sanguínea com uma prostituta, evidenciando como a marginalização se estende além das próprias mulheres envolvidas nesse contexto:

[...] Não conhecêra a mãe, e em frente á mudez da tréva pensava nella, comò se a tivera visto. Não comprehendia por que rejeitavam o seu coração amoroso. Nem mãe na infancia, nem noivo na mocidade. Que triumpho! Sabia pelos outros que a mãe fôra uma mulher da má vida e baixa classe; mais nada; e não era pouco. Criara-a desde o

primeiro anno a avó paterna, D. Emilia, sem muitos agasalhos, por que o dinheiro era escasso e a paciência já não era nenhuma (Almeida, 1901, p. 192).

Conforme o trecho, a personagem retratada não conheceu sua mãe, mas a ausência da figura materna é preenchida pela condenação social que a envolve, marcada pela noção de que sua mãe era uma “mulher da má vida e baixa classe”. Esse julgamento pré-estabelecido pelos demais sujeitos acerca de sua mãe repercute no perpassar de sua vida, determinando sua posição social na sociedade e as diversas dificuldades afetivas que enfrenta. Rejeitada no amor e na infância, a jovem carrega a sombra do passado materno, em que a prostituição se torna um legado de marginalização. A sociedade a define não por quem ela é, mas pelo que sua mãe representou. Esse estigma é reforçado ao longo de sua trajetória, com a “má vida” da mãe sendo utilizada como um marcador identitário:

Acudiu-lhe então a idéia perversa de haver um proposito malicioso naquella história. Não lhe afirmara Noca tantas e tantas vezes que a prima o amava? A filha da mulher de má vida ahi estava agora, como devia ser: livre de hypocrisias. Mario estendeu-lhe os braços. Nina compreendeu. Uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto; segurou o chale com força e subiu correndo (Almeida, 1901, p. 198).

Outra obra marcante desse período, também catalogada e representativa das relações sociais da época, é *Turbilhão* (1906), do maranhense Coelho Neto. O romance se destaca por apresentar a figura da prostituta, ilustrando de forma emblemática as dinâmicas sociais exploradas na literatura do início do século XX. Em *Turbilhão* (1906), de Coelho Neto, a marginalização da mulher prostituta é abordada de forma multifacetada, refletindo a complexidade das relações sociais daquele período. A vida das prostitutas é descrita na obra de forma negativa, sendo referida pela palavra “misérias”:

[...] Fariam dele um carrasco e da irmã uma vítima - que fugira para evitar tormentos, que se libertara do verdugo, preferindo as misérias do meretrício à vida humilhada e torturada. E ele, inocente, seguia, vexado, sob a dureza daqueles olhares que lhe infligiam um injusto castigo[...] (Neto, 1906, p. 21).

A obra nos apresenta uma perspectiva semelhante a que foi estabelecida em *Falência*, por Júlia Lopes de Almeida, destacando a influência social e moral que a prostituição de uma mulher gera não apenas sobre ela mesma, mas também sobre aqueles que a cercam. A irmã que escolhe o caminho do meretrício para fugir de um determinado contexto que traria para si um notório sofrimento coloca seu irmão em uma posição de desonra, sendo ele responsabilizado pela sociedade pela escolha dela.

Tendo isso posto, podemos conjecturar que a prostituição era socialmente tratada como um crime moral coletivo, em que não apenas a mulher envolvida, mas também sua família, eram condenados pela sociedade. O irmão, que é inocente, sofre um “castigo injusto”, evidenciando a crueldade e o julgamento

implacável de uma sociedade que vê na prostituição uma mancha que se espalha para além do indivíduo que a pratica.

Na obra de *Esfinge* (1908), de Coelho Neto, a representação da mulher prostituta é carregada de simbolismo e complexidade, observemos:

E referiu: Certa rapariga do mundo, durante a moléstia, no hospital, era horrenda, de fazer asco, horas depois de morta, como se se lhe despegasse do rosto uma crosta escamosa, descobrindo a pele alva e fina dos quinze anos, surpreendeu a todos pela beleza. Juntou-se gente no anfiteatro para vê-la. O Décio fez-lhe um soneto, um lindo soneto!” (Neto, 1908, p. 165).

A passagem acima descreve uma jovem prostituta que, durante sua doença, é descrita como “horrenda” e repulsiva, mas que após sua morte, surpreende a todos ao inesperadamente revelar-se como uma mulher detentora de grande beleza. Essa transformação abrupta, de uma figura que inspira nojo para um objeto possuidor de uma estética admirável e invejável, ressalta uma visão dualista em relação à prostituta na literatura e na sociedade: enquanto viva, ela é desprezada e amplamente marginalizada, vista apenas como um objeto de prazer carnal; na morte, sua aparência pura e jovem ressurgue, o que causa uma reação de surpresa e reverência em quem observou esses momentos de sua trágica vida.

Essa transformação física sugere uma purificação tardia ou uma revalorização do sujeito mulher, agora morta e livre da prostituição, mas apenas quando ela já não representa uma ameaça à moralidade ou aos padrões sociais vigentes. A ironia está no fato de que, em vida, sua humanidade lhe foi negada, sendo vista apenas como uma figura de decadência e imoralidade, enquanto na morte, ela é visualmente valorizada, transformada em objeto de arte.

Uma outra obra catalogada no transcórre desta pesquisa, e que deve ser apresentada, é *Em Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), em que o escritor Lima Barreto também nos oferece uma visão crítica e multifacetada da figura da mulher prostituta:

[...] Aos seus olhos - muitas vezes se me veio a afigurar - eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercá-la-ia logo o ambiente de sedução e corrupção, e havia de acabar por aí, por essas ruas... (Barreto, 1909, p.19-20).

Neste trecho, a personagem é vista como uma jovem de beleza extraordinária, mas destinada à prostituição devido à sua condição social. A narrativa sugere que sua aparência e origem social a empurram inevitavelmente para um caminho de sedução e corrupção, culminando em sua marginalização nas ruas. O determinismo social fica evidente, destacando como a sociedade impõe rótulos e destinos pré-definidos às mulheres, especialmente às de classes mais baixas, associando-as à degradação moral.

Ainda nesse prisma, cabe apresentar a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), em que uma personagem expressa sentimentos de vergonha e tortura ao se expor diante de desconhecidos, comparando-se, em tom pejorativo, a uma mulher pública: “[...] que tortura! E não é só isso: envergonho-me por esta ou aquela passagem em que me acho, em que me dispo em frente de desconhecidos, como uma mulher pública [...]” (Barreto, 1909, p.104-105). A situação descrita, no que referindo-se a despir-se, simboliza uma vulnerabilidade não apenas física, mas também moral e psicológica. A prostituta é, novamente, reduzida a um objeto de consumo público, desprovida de identidade própria e intimidade, exposta e utilizada por outros indivíduos que buscam de prazer. O sentimento de vergonha evidenciado demonstra a internalização do estigma social que acompanha a prostituição, destacando a desumanização dessas mulheres.

A narrativa, a posteriori, apresenta as “mulheres públicas” como sujeitos que desempenham uma função quase decorativa, comparadas a flores que perderam o brilho natural em um ambiente inadequado:

[...] fomos descendo a rua da Lapa, transitada, ladeada de sobrados, donde pendiam mulheres públicas em peignoir, como descoradas orquídeas de milionário europeu, cujo brilho natural o ambiente de estufa lhes tirou ou não soube dar. Nós olhamo-las com um pouco da nossa mocidade e com um pouco das preocupações que trazíamos (Barreto, 1909, p.135).

Penduradas nas janelas, são observadas pelos demais personagens da narrativa com uma mistura de juventude e preocupação, mas sem uma profunda compreensão acerca de suas vidas ou sofrimentos. Embora fisicamente presentes, elas aparecem invisíveis, ignoradas como indivíduos. Esse trecho ressalta a invisibilidade social das prostitutas, que estão à vista de todos, mas são desconsideradas como seres humanos reais.

Os fragmentos demonstrados nesse capítulo evidenciam como a literatura brasileira do início do século XX lança um olhar implacável sobre a figura da prostituta, denunciando-a como produto de um sistema social que a marginaliza e a desumaniza. Por meio de obras como as de Lima Barreto, Coelho Neto, entre outros citados anteriormente, a literatura expõe a crueldade do estigma e a indiferença da sociedade diante do sofrimento dessas mulheres, reduzidas à condição de imorais e objetos de consumo.

6 MORALIDADE EM COLAPSO: A PROSTITUTA COMO ÍCONE DA IMORALIDADE

Sob uma perspectiva histórica, a sociedade comumente marginalizava a figura da prostituta, tratando-a como um ser imoral e pecaminoso, sob um prisma fortemente influenciado por preceitos religiosos. Conforme observa Engel (2004):

Embora revestida por aspectos desta moralidade cristã a associação entre prostituição e pecado, por exemplo, a moral ética presente no discurso médico do século XIX revelaria um novo sentido, assegurado pela noção médica da higiene. [...] O prazer, condenado e excomungado no discurso cristão, é absolvido e resgatado no discurso médico, mas somente aprisionado pelas normas da regulação médica adquiriria legitimidade. A realização do prazer através do excesso e da ausência da finalidade reprodutora é condenada pelo médico, não só como doença física, mas também como doença moral. [...] Espaço da sexualidade moralmente sadia, a família, mesmo mantendo os traços de instituição sagrada, é concebida pelo médico, sobretudo, como instituição higiênica. Vinculada às noções de adultério, de união criminoso e de degradação dos costumes, a prostituição é o espaço da sexualidade moralmente doente e, deste modo, transformada pelo médico em 'dragão', 'víbora', 'harpia', 'hidra', enfim, no monstro que difunde o pavor ao se revelar um grande perigo para a instituição da família (Engel, 2004, p. 87).

A citação de Engel (2004) evidencia como o discurso médico do século XIX apropriou-se de conceitos morais cristãos para legitimar práticas de controle social sob o pretexto da higiene e da saúde. Ao reconfigurar o prazer e a sexualidade dentro de parâmetros considerados higiênicos e moralmente aceitáveis, o discurso médico ampliou a condenação à prostituição, retratando-a como uma ameaça não apenas espiritual, mas também física e social.

Essa percepção está historicamente presente em normas sociais que tendem a valorizar a pureza feminina, ao mesmo tempo em que condenam comportamentos que se desviam desse padrão. Nesse sentido, Ceccarelli (2008) aponta:

Além disso, a sociedade que cria fiscalizações, sanções e punições às atividades de prostituição em nome da moralidade e dos bons costumes é a mesma que cria subterfúgios para manter esses serviços ativos e disponíveis quando a ocasião, e/ou a necessidade, se apresentar (Ceccarelli, 2008, p. 10).

A prostituta, por sua escolha ou necessidade de vender o corpo, é frequentemente vista como uma ameaça à ordem moral estabelecida, sendo excluída e estigmatizada, conforme demonstrado no capítulo anterior. Sua existência é tolerada apenas nas margens da sociedade, e sua figura é frequentemente associada a pecados e vícios, o que reforça a percepção de que ela deve ser punida ou redimida.

Essa visão negativa da prostituta se reflete na literatura brasileira, em que muitas vezes é retratada como uma figura trágica e marginal, destinada à desgraça ou à redenção através do sacrifício. A prostituta é, com certa frequência, utilizada como símbolo da decadência moral ou da crítica social, destacando certas contradições sociais. No entanto, essa representação também pode ser limitada, perpetuando estereótipos que reforçam a exclusão e a desumanização dessas mulheres. Essas perspectivas no que tange às diferentes formas de representação do sujeito prostituta, será evidenciada a partir de alguns fragmentos.

Sob a perspectiva de a prostituta ser tratada como imoral, pecaminosa e profana, a obra *A Intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida, revela-nos de que forma esses estigmas socialmente construídos moldam sua representação na literatura:

[...] Lá fóra sou um viuvo como outro qualquer, não me abstenho nem da côrte á mulher de salão, nem do abraço á mulher do peccado; mas logo que entro em minha casa, parece-me sentir as mãos finas de Maria segurarem as minhas e a sua voz, que não esqueço, repetir-me aquella sua phrase ciumenta e que era como que o seu estribilho: — ama-me, a mim só! a mim só! (Almeida, 1908, p.31-32).

A expressão “mulher do pecado”, empregada no texto, carrega uma carga moralista que enquadra a prostituta dentro de um discurso de caráter religioso e social de condenação. Ao ser associada ao pecado, a prostituta é automaticamente marginalizada, vista como uma figura que viola os valores tradicionais e a moralidade historicamente estabelecida. Seu corpo e sua existência tornam-se profanos. Em contrapartida, a obra nos mostra como o mundo sacraliza a figura da esposa e da mãe, representada aqui pelas memórias em relação à personagem Maria.

A descrição da prostituta como imoral e pecaminosa reforça o dualismo entre o sagrado e o profano, narrativamente evidenciado pelas prostitutas e a personagem Maria. Na obra, o personagem Argemiro vive essa contradição de forma íntima: ao mesmo tempo que cede ao desejo com mulheres que considera profanas, como as prostitutas, ele sente-se moralmente constrangido pela lembrança da esposa, uma figura santificada por suas ações em vida e posterior morte. Esse contraste evidencia como a prostituta, além de servir ao prazer masculino, é vista como uma transgressora das normas sociais estabelecidas.

A dualidade entre o sagrado e o profano nas narrativas da época reforça padrões morais que marginalizam a figura da prostituta. Representada como transgressora, ela é excluída tanto simbolicamente quanto socialmente, em contraste com as mulheres idealizadas como santificadas. Essa exclusão é evidente na obra de Graça Aranha, que adota uma visão moralista e condenatória sobre a prostituta.

O escritor Graça Aranha, em sua obra *Canaã* (1902), revela uma visão profundamente moralista e condenatória em relação à prostituta, que será tratada pelos demais como um ser imoral e indesejado no espaço sagrado da “morada de Deus”:

Ora, deixemos de comédia – clamou zombeteira a professora. – Eu sei bem por que os seus patrões, que devem ser gente honrada, a puseram na estrada... Divertiu-se? Por que chora? Temos nós culpa dos seus prazeres? Olhe, mulher, já que entrou nesse caminho, não era para aqui que se devia dirigir. Esta é uma casa de respeito, a morada de Deus. Vá para a sua vida... Vá... Fora... (Aranha, 1902, p.239-240).

A professora, ao confrontar a mulher, faz uma distinção muito objetiva entre o que ela considera como vida “honrada” e uma vida “pecaminosa”. Ao empregar expressões como “gente honrada” para se referir aos padrões da prostituta e “caminho” para descrever sua trajetória na prostituição, a professora reforça, com veemência, a ideia de que a prostituição é uma escolha moralmente inferior, digna de reprovação social e moral, além de exclusão dos espaços considerados respeitáveis, principalmente lugares religiosos e sagrados.

Nesse contexto, a figura da prostituta não é apenas indigna de compaixão, mas também é tratada com desprezo, como se sua condição presente fosse resultado exclusivo de suas próprias escolhas e “prazeres”. A acusação de que ela “entrou nesse caminho” sugere que a prostituição é vista como uma trilha inevitável de degradação moral, da qual não há retorno, e que a mulher não tem o direito de buscar redenção ou acolhimento em lugares respeitáveis.

Ao associar a prostituta a características como vício e ausência de moral, a literatura da época consolida estigmas que legitimam a exclusão e o desprezo por essas figuras. Essa construção narrativa serve para reafirmar os valores dominantes, apresentando a prostituição não apenas como um problema social, mas como um destino inevitável para aquelas que fogem às normas estabelecidas.

A representação da prostituta em *A Carteira de um Neurastênico* (1903), de Aluísio Azevedo, expõe uma visão severa e moralista que reflete os preconceitos da época. A mãe da protagonista é descrita como uma “rameira de profissão”, imersa em vícios desde jovem e sem qualquer noção de moral ou decoro:

A mãe era uma rameira de profissão, afeita desde a mais tenra idade ao deboche e a crápula, sem a mais ligeira noção da moral, sem o mais leve vislumbre do decoro. Todos os vícios aviltantes e abjetos acharam muito cedo abrigo na sua alma, onde a perversidade parecia inata (Lobo, 1903, p. 129).

Essa descrição exposta no fragmento acima estabelece um estigma profundo, retratando a prostituta como uma figura inerentemente e inevitavelmente corrupta e depravada. A linguagem empregada — “deboches”, “crápula”, “perversidade inata” — sugere que a prostituição é socialmente vista não apenas como um comportamento inadequado, errado e impróprio, mas como uma característica fundamental da identidade moral da mulher. Essa percepção enfatiza a noção de que a prostituta é uma figura moralmente perdida, cujos vícios são enraizados e inerentes a ela.

No entanto, a narrativa também oferece um momento de redenção para a personagem, quando a mãe chora ao ver sua filha, sinalizando um despertar para a consciência dos próprios erros passados:

[...] viu, estendido ao seu lado [...] aquele entezinho débil e microscópico, carne da sua carne, sangue do seu sangue, gerado e alimentado nas suas entranhas, uma reviravolta brusca se produziu no ânimo da infeliz. As lágrimas lhe rebentaram dos olhos, os soluços lhe irromperam do peito, e para ali ficou durante uma hora inteira, a desafogar

naquele pranto copioso a consciência que afinal lhe chegava dos seus erros passados. A mãe redimia pôr fim a prostituta, o amor da filha repelia, na irradiação salutar da sua pureza, as paixões ignóbeis de outros tempos (Lobo, 1903, p.130).

Esse ato de choro e arrependimento é interpretado como um reflexo do amor materno e da pureza associada à filha, contrastando fortemente com a vida passada da mãe. A transformação é representada como um processo de purificação por meio do amor filial, que expõe o desejo da protagonista de se afastar de sua vida anterior de prostituição e adotar uma identidade mais pura e respeitável. Nessa perspectiva, pode-se observar novamente a dualidade entre a figura materna e a prostituta, conforme visto anteriormente em *A Intrusa*, sujeitos fundamentalmente opostos, não havendo espaço para uma convivência interna entre essas duas identidades. Esse será dissecado na narrativa posteriormente:

Os velhos amantes da Mariana, as suas antigas companheiras de deboche, vinham por vezes bater-lhe à porta, acenando-lhe com promessas falazes, exprobrando-a [...] mostrando-lhe que lhe seria fácil conciliar as duas profissões: ser prostituta e ser mãe ao mesmo tempo. De dia cuidaria da pequena, cercá-la-ia de todos os confortos indispensáveis e à noite [...] voltaria à vida antiga, recebendo os homens, buscando satisfazer-lhes todos os caprichos e, por esse modo, recheando a bolsa para as despesas futuras (Lobo, 1903, p.137-138).

A sugestão de antigos amantes de Mariana para que ela concilie a prostituição com a maternidade revela um certo desprezo pela dignidade e complexidade de sua atual situação. Ao propor que ela continue trabalhando como prostituta à noite enquanto cuida de sua filha durante o dia, os personagens demonstram uma visão pragmática e desumanizadora, ignorando o efeito moral e emocional de sua condição, priorizando apenas o aspecto financeiro que a escolha traria para sua vida. Essa proposta a trata, enquanto prostituta, como uma figura que deve adaptar-se às circunstâncias e ao estigma social, sem considerar a qualquer possibilidade de redenção ou uma vida mais digna.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituta é frequentemente retratada como uma figura marginalizada, cuja existência é colocada à margem da sociedade. Essa representação é marcada pela exclusão social, em que a prostituição é vista como uma consequência inevitável de um contexto de pobreza e ampla ausência de oportunidades. Além disso, a prostituta é comumente associada à imoralidade e profanidade, sendo vista como uma ameaça aos valores tradicionais e à moralidade estabelecida. Essa visão reforça a dicotomia entre o certo e o errado, o moral e o imoral, tratando a prostituição como uma atividade degradante e sua praticante como uma mulher de caráter duvidoso.

A literatura publicada nesse período frequentemente reforçava estereótipos negativos ligados à prostituição, retratando as mulheres envolvidas nessa atividade como personagens trágicas ou moralmente corrompidas. No entanto, uma análise mais aprofundada revela uma grande quantidade de enredos que desafiam e subvertem essas convenções. Os romancistas retrataram as mulheres prostitutas não apenas como vítimas passivas, mas como protagonistas de suas próprias vidas, sujeitas a uma variedade de circunstâncias sociais.

A prostituição feminina tornou-se, conforme suas representações, um reflexo das tensões sociais e urbanas daquele período. Ao longo desta pesquisa, foi possível catalogar e analisar as principais obras literárias brasileiras publicadas entre 1900 e 1910 que abordam a figura da mulher prostituta. A sistematização desses dados revelou padrões recorrentes na construção dessas personagens e nos discursos sociais que elas refletem, evidenciando tanto a reprodução de estereótipos quanto as críticas às normas sociais vigentes. Essa catalogação é de suma importância para fornecer um panorama abrangente ao leitor, permitindo compreender como a literatura desse período dialogava com as questões de gênero, moralidade e exclusão social.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A falência*. Rio de Janeiro: Oficina de Obras de A Tribuna, 1901.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Intrusa*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1905.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Garnier, 1902.
- AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vésper*. São Paulo: Livraria Martins Editora, [s. d.].
- AZEVEDO, Aluísio. *Girândola de amores*. Createspace Independent Publishing Platform: 1ª edição, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética (a teoria do romance)*. Trad. Aurora Bernadini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. Rio de Janeiro: Floreal: Publicação bimensal de crítica e literatura, 1907.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 2010.
- CALDAWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000, pp. 91-108.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2000.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição—Corpo como mercadoria. *Mente & cérebro—sexo*, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008.
- CORBETT, Nancy Qualls. *A prostituta Sagrada: a face eterna do feminismo*. 2. ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- GARCIA, Tamires de Oliveira. Pagando bem, que mal tem? Ponderações sobre a regulamentação da atividade do sexo, marginalização e criminalização. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 4., 2016, São Leopoldo. *Anais [...]*. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&L, 2005.
- HOUAISS, Antonio. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 20.
- LOBO, Antônio. *A carteira de um neurastênico: Romance*. São Luís, MA: Edições d'A Revista do Norte, 1903.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- NAVARRO, Márcia Hoppe; SCHMIDT, Rita Terezinha. *A questão de gênero: ideologia e exclusão*. In: CONGRESSO SOBRE A MULHER, GÊNERO E RELAÇÕES DE TRABALHO, 2., 2007, Goiânia. *Anais [...]*. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007. v. 1.
- NETO, Coelho. *Esfinge*. Porto, Portugal: Livraria Chardron de Lello e Irmão Ltda., 1908.
- NETO, Coelho. *O Turbilhão*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1906.
- NETO, Coelho. *Tormenta*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert, 1901.
- NUNES, Paulo César Marins. *Prostituição, políticas públicas e relações de poder: prostitutas no exercício da sua profissão*. IX Seminário Internacional de Direitos Humanos da UFPB, Brasil, out. 2016.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 1990. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, São Paulo, 2019.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, v. 11, p. 89-98, 1998.

RAGO, Margareth. *Feminismo e Subjetividade em tempos Pós-modernos*. Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 31-41, 2004.

RAGO, M.; FUNARI, P. P. A. *Subjetividades antigas e modernas*. Annablume, 2008.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

ROCHA, Lindolfo. *Maria Dusá: Garimpeiros*. Romance de costumes sertanejos e chapadistas. Porto, Portugal: Livraria Chardron de Lello e Irmão Ltda., 1910.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

SANTOS, Claudiana Gois. *A Liberdade É Uma Vertigem: Prostituição E Lesbianidade Na Literatura Do Grande Século XIX*. Via Atlântica, São Paulo, n. 43, pp. 168-197, 2023.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoievski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Trad. Guacira Lopes Louro. Rev. Educação e Realidade, v. 15, n. 2, jul.

WALDMAN, Berta. *Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura brasileira contemporânea*. Remate de Males, Campinas, v. 22, n.22, p. 25-53, 2002.

Title

Cartography of prostitutes in Brazilian literature: an analysis of novels from 1900 to 1910.

Abstract

This paper analyzes the representation of prostitutes in Brazilian literature between the 1900s and the 1910s, investigating how novels of this period portrayed this female individual. It reveals that prostitutes were often disadvantaged, and associated with moral and social decline, reflecting the medical and moral discourses of that time. However, at the same time as early as 20th century literature reproduced the usual prejudices, as it was also a space for questioning the position of women. The representations of prostitutes in novels show a time where Brazil is in tension between modernity and the remaining of a rigid moralism, which are aspects that continue to vibrate in the construction of female identities in Brazilian culture. This study is a cross-section of a broader study, that covers the period from 1900 to 1920 and has mapped Brazilian novels from this period in a qualitative and quantitative way. For this first stage, the focus was on the first decade of the 20th century, with the collaboration of a group of researchers who are responsible for cataloging and analyzing the works according to the theme that was proposed. The results include a set of novels categorized and made available to the public as a part of the work of this initial phase of the research.

Keywords

Women; Prostitution; Brazilian Literature; Novel.

Recebido em: 10/03/2025

Aceito em: 26/04/2025